

**Revisitando a exposição curricular “Museu Nacional:
o museu que vive em nós” -
reflexões e considerações acerca da comunicação no
âmbito expográfico e cibercultural**

**Revisiting the curricular exhibition “Museu Nacional:
o museu que vive em nós” -
reflections and considerations about communication in the
expographic and cybercultural scope**

Helena Cunha de Uzeda¹
Johanna Torres Kaltenecker²
Luiza Sant’Anna Santos³

DOI 10.26512/museologia.v12i23.44836

Resumo

O artigo visa analisar a exposição curricular “Museu Nacional: o museu que vive em nós”, realizada no 1º semestre de 2019 pela turma de Museologia e Comunicação IV da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, explorando sua expografia e suas atividades nas redes sociais. O tema foi escolhido pelos alunos após o incêndio ocorrido em setembro de 2018 no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituição de grande importância nacional e mundial. Após quatro anos, o trabalho revisita a exposição buscando refletir aspectos da expografia e, diante da cibercultura, analisar os usos das tecnologias digitais em rede. Assim, o artigo foi desenvolvido através de relatos de experiências, fundamentando-se no Relatório Final da exposição e em autores que circundam as temáticas abordadas. Com as reflexões levantadas, são apresentadas novas perspectivas expográficas e dinâmicas comunicacionais museológicas nas redes sociais da exposição curricular.

Palavras-chave

Exposição curricular de museologia; Museu Nacional da UFRJ; comunicação museológica; expografia; cibercultura.

Abstract

The article aims to analyze the curricular exhibition “National Museum: the museum that lives in us”, held in the 1st semester of 2019 by the Museology and Communication class IV of the School of Museology of the Federal University of the State of Rio de Janeiro, exploring its expography and their activities on social media. The theme was chosen by the students after the fire that occurred in September 2018 at the National Museum of the Federal University of Rio de Janeiro, an institution of great national and world importance. After four years, the work revisits the exhibition seeking to reflect aspects of expography and, in the face of cyberculture, to analyze the uses of digital technologies in a network. Thus, the article was developed through experience reports, based on the Final Report of the exhibition and on authors who surround the themes addressed. With the raised reflections, new expographic perspectives and museological communicational dynamics are presented in the social networks of the curricular exhibition.

Keywords

Museology curricular exhibition; National Museum of UFRJ; museological communication; expography; cyberculture.

1 Museóloga pela Escola de Museologia da UNIRIO (1996); Mestre em História e Crítica da Arte, PPGAV/ EBA-UFRJ (2000); Doutora em Artes Visuais, PPGAV /EBA-UFRJ (2006); professora da Escola de Museologia UNIRIO; docente permanente e coordenadora do curso de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO-MAST), coordenadora do Laboratório do Desenvolvimento de Exposições (LADEX) da Escola de Museologia da UNIRIO e do Projeto de Pesquisa “Design de Exposições”, que conta com financiamento da FAPERJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6847-1533>.

2 Museóloga pela Escola de Museologia da UNIRIO (2019) e Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO-MAST (2023). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4288-5049>

3 Museóloga pela Escola de Museologia da UNIRIO (2019) e Mestre em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS/UNIRIO-MAST (2023). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7291-9460>

Introdução

Na noite do dia 02 de setembro de 2018, os noticiários começaram a mostrar uma cena que causou choque e angústia: o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN-UFRJ) pegava fogo. Paralelamente, a turma de 24 alunos da disciplina Museologia e Comunicação III⁴ do curso de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) decidia o tema de sua exposição curricular, trabalho prático que faz parte do currículo do curso desde 1978, a ser montada no ano seguinte. Diversas temáticas haviam sido propostas como tema e seguiam em debate até que aquele evento inesperado e trágico mudou completamente os planos que começavam a tomar forma. Nos dias que decorreram após o incêndio, enquanto os alunos conversavam sobre qual seria o assunto da exposição, a escolha por uma temática já parecia desnecessária. Não existia outra opção a não ser falar sobre uma Instituição que marcara a vida de muitos daqueles que, posteriormente, escolheriam a Museologia como profissão. Dessa forma, a exposição curricular “Museu Nacional: o museu que vive em nós” foi desenvolvida pela turma de Museologia e Comunicação IV⁵, do primeiro semestre de 2019, disciplina do 7º período da Escola de Museologia da UNIRIO⁶.

O Museu Real foi fundado em 1818 por D. João VI e inicialmente localizado em um Palacete no Campo de Santana⁷, no Rio de Janeiro. Com a Proclamação da Independência, em 1822, e o regime imperialista instaurado no país, a Instituição passou a ser intitulada Museu Imperial. Seria, entretanto, com a instauração da República, em 1889, que o nome da Instituição seria alterado para Museu Nacional, que se mantém até os dias de hoje. Vale evidenciar que em 1892 seu acervo, guardado no Palacete do centro da cidade, foi transferido para o Palácio de São Cristóvão, no parque da Quinta da Boa Vista, antiga residência da família real portuguesa e brasileira e que havia sediado a primeira Assembleia Constituinte Republicana.

Conhecido como o possuidor do maior acervo de história natural e antropologia latino-americano, o museu mantinha ainda artefatos como o crânio de Luzia – o mais antigo ser humano das Américas (cerca de 11.500 anos) –, o meteorito do Bendegó – encontrado em 1784 no sertão do estado da Bahia –, a múmia egípcia Kherima e o trono do Reino do Daomé – da África, século XVII – eram referências do Museu. Seu acervo abrangia os departamentos de geologia, paleontologia, botânica, zoologia, antropologia biológica, arqueologia e

4 Na Escola de Museologia da UNIRIO, as exposições curriculares começaram a ser desenvolvidas como parte do currículo em 1978, inseridas na disciplina Museologia e Comunicação III, em que são decididas as abordagens temáticas da exposição a ser executada no semestre seguinte, no âmbito da disciplina Museologia e Comunicação IV, responsável pela montagem das exposições curriculares.

5 A turma de Museologia e Comunicação IV era composta pelos discentes: Agatha Souza da Silva, Alice Quintella Tischer, Beatriz Lima de Mesquita, Evelyn de Souza Vieira, Fernanda Mendes Romeu, Hugo Rafael de Almeida Rosa, João Marcelo Struchi Bebiano de Amorim, Johanna Torres Kaltenecker, Julia Maria de Souza dos Santos, Julia Pires Torres, Lucas Dantas Cardozo, Lucas William Molina de Medeiros Barbosa, Luiz Gustavo Lima de Moura, Luíza Estruc dos Santos de Oliveira, Luiza Sant'Anna Santos, Mariana Matrangolo Busch, Matheus Cavalcante Magalhães, Matheus Monteiro Ferreira, Millah Christina de Souza Gomes, Newton Barros da Cruz, Orlando Gomes da Silva Junior, Tássia Amaral Brito, Talita Ferreira de Souza, Thiago Ferreira Lobato dos Santos. Ressalta-se que nem todos os alunos que cursaram a disciplina Museologia e Comunicação III, que definiu o tema da exposição, realizaram a disciplina Museologia e Comunicação IV.

6 A disciplina tem como professores orientadores os museólogos: Anaildo Bernardo Baraçal, Helena Cunha de Uzeda e Julia Nolasco Leitão de Moraes

7 Atualmente, o local abriga a Casa da Moeda do Brasil.

Revisitando a exposição curricular “Museu Nacional: o museu que vive em nós” reflexões e considerações acerca da comunicação no âmbito expográfico e cibercultural

etnologia que, paulatinamente, estão se reestruturando por meio de doações de recursos e peças e das obras de resgate e recuperação do acervo que não foi inteiramente destruído. A instituição destaca-se, também, por sua relevância para a produção científica brasileira contemporânea, na medida em que suas pesquisas proporcionam especializações, pós-graduações e cursos de extensão, vinculados à UFRJ e ao Ministério da Educação (MEC).

Além disso, a criação do Serviço de Assistência ao Ensino de História Natural – atual Seção de Assistência ao Ensino (SAE), em 1927, pelo, então, diretor do Museu Roquette Pinto – assinala, mais uma vez, sua importância científica, educacional e museológica. Nele, foi criado o primeiro setor educativo de museu do país, uma iniciativa pioneira na difusão e popularização das ciências naturais no país, caracterizando-se como um marco na educação em museus. O presente artigo analisa o desenvolvimento da exposição curricular do Curso de Museologia, tema deste estudo, sob a ótica de sua expografia e de suas atividades nas redes sociais online. Para tanto, serão apontados os aspectos teórico-metodológicos para a concepção da exposição, os desafios contemporâneos que se apresentam diante da Museologia e o relato dessa experiência. Passados três anos da realização dessa exposição curricular, revisitamos memórias, ideias e documentos com o propósito de refletir criticamente sobre a expografia elaborada pela turma diante do cenário sociotécnico contemporâneo: a cibercultura e os usos das tecnologias digitais em rede.

As exposições consistem em prática essencial nos museus, sendo por meio delas que ocorre a comunicação museológica, que estabelece uma relação direta entre os indivíduos, narrativas e acervo. Atualmente, com a aceleração dos desenvolvimentos das tecnologias digitais, a relação entre visitante e objeto passou a sofrer algumas interferências, sendo necessário que novas maneiras de realizar esta conexão fossem exploradas. A expografia⁸, então, abriga inúmeros elementos capazes de enriquecer a apresentação de uma narrativa, como as cenografias e as mídias digitais. Porém, a forma de utilizar tais recursos da melhor maneira possível, favorecendo a narrativa e a observação do objeto, é uma questão ainda a ser mais discutida no campo museológico.

No caso das cenografias, por exemplo, a museóloga Helena Uzeda (2018) destaca a importância de situá-la como um suporte para o tema e os objetos expostos, sem que se torne protagonista. A mesma atenção deve ser dada aos elementos com tecnologia digital. Segundo Uzeda (2016), a utilização desses elementos pode gerar uma competição desigual com a comunicação própria aos acervos museológicos, podendo vir a assumir protagonismo. Dessa forma, não é surpreendente que a utilização de elementos para o enriquecimento expográfico ainda promova discussões no campo da museologia e necessite reflexões e análise específicas, respeitando o limite de cada exposição.

Da mesma maneira, a cibercultura é uma forma sociocultural que modifica hábitos, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer. São novas formas de sociabilidade e de comunicação social, como coloca o comunicador André Lemos (2010), potencializando as práticas culturais contemporâneas e a aprendizagens em espaços e tempos plurais e diversos, conforme afirmam as

8 Segundo os museólogos André Desvallées e François Mairesse (1995), o termo expografia foi proposto, na França, como uma maneira de tratar as técnicas referentes às exposições, que poderiam estar situadas em museus ou não, como apontam os museólogos. Logo, o termo “expografia” é usualmente utilizado para classificar exposições que não ocorrem necessariamente no espaço museal (DESVALLÉES; MAIRESSE, 1995).

educadoras Edméa Santos, Frieda Marti e Rosemary Santos (2019). Portanto, pensar contemporaneamente o campo da Museologia implica em refletir sobre os impactos da cibercultura nas dinâmicas socioculturais e, especificamente, na formação dos profissionais de museus.

Nesta instância, as exposições curriculares são fundamentais para o exercício dessa capacitação e do entendimento de alguns conceitos práticos da profissão, na medida em que a imersão dos estudantes na concepção das exposições curriculares oportuniza questionar: qual é a contribuição e o posicionamento de museólogos diante deste novo cenário? Sua formação acadêmica estimula pensar a presença dos museus no espaço digital, perspectivados pelas potencialidades, complexidades e desafios da cibercultura?

Revisitando a expografia da exposição curricular

Ao pensar a concepção da expografia da exposição curricular, os discentes de museologia, inicialmente, se dividiram em quatro grupos para tratar dos Eixos Temáticos⁹ escolhidos e nomeados: História, Ciência, Memória e Luta. O tema de cada Eixo foi definido para que os públicos¹⁰ pudessem fruir no espaço da galeria com a sensação de que uma história estava sendo contada, de maneira que cada Eixo pudesse se conectar com o Eixo seguinte na transição de seus espaços.

Para começar a contar a história aos públicos, optou-se por iniciar com um Eixo focado na conjuntura histórica do Museu Nacional, responsável por apresentar as origens da Instituição sob a perspectiva de sua evolução institucional, arquitetônica e contributiva para o cenário museológico brasileiro. A abordagem de questões como a composição arquitetônica do Palácio de São Cristóvão, sua importância educacional e sua contribuição em nível de pesquisa, assim como seu vínculo com a UFRJ foram apresentadas nessa primeira parte da exposição, a fim de evidenciar os processos de transformação do MN-UFRJ até tornar-se uma instituição pública e de pesquisa.

A compreensão e divulgação de sua relevância como lugar pioneiro de produção de conhecimento em esfera nacional e modelo museológico na área de educação em museus foi um dos principais pontos refletidos pela turma no momento de construção da exposição que resultou em um dos objetivos do Eixo História. Somado a isso, o Eixo 2, voltado às ciências, abordou a importância da instituição no cenário das pesquisas científicas e sua relação com a Universidade do Brasil, atual UFRJ. Em prosseguimento, o Eixo Ciência além de abordar a perspectiva científica do MN-UFRJ teve, também, como proposta apresentar o caráter educativo de suas coleções, evidenciando suas principais características científicas, apresentando a perspectiva científica pelos próprios cientistas do MN-UFRJ. Para alcançar tal objetivo, o Eixo se subdividiu em duas partes: a primeira dedicou-se a mostrar a importância científica do Museu e sua atuação na formação do conhecimento; e a segunda, esteve encarregada de exibir a relação da Instituição com a sociedade, enfatizando seus projetos educativos.

9 Considerando a quantidade de alunos desenvolvendo a exposição, sendo uma curadoria coletiva, os quatro Eixos consistiam em uma divisão espacial com aspectos específicos do tema apresentado.

10 A museóloga Julia Moraes (2019) destaca a importância do uso do termo “públicos”, no plural, considerando as múltiplas categorias identificadas pelos estudos museais, como por exemplo: público familiar, cativo, espontâneo, escolar, turistas, potencial, não público, entre outros.

Revisitando a exposição curricular “Museu Nacional: o museu que vive em nós” reflexões e considerações acerca da comunicação no âmbito expográfico e cibercultural

Vale destacar que esse Eixo temático foi desenvolvido mediante a conceituação de cinco termos, considerados essenciais pela turma, para construir e aprofundar as discussões pretendidas: museu; educação; ciência; museus de ciência; e museu universitário. Evidenciamos que as definições de educação e ciência foram as mais refletidas pela turma em virtude do caráter educacional e científico que o MN-UFRJ construiu ao longo de sua história.

Segundo, então, a narrativa desenvolvida a partir das ações do Museu junto à sociedade, o Eixo 3, Memória, buscou provocar uma reflexão sobre o vínculo existente entre o Museu, os públicos e os pesquisadores, enfatizando a relação de pertencimento e afeto. A conceituação de “memória” de Pierre Nora (1993) foi basilar para abordarmos a Instituição como um lugar de memória, na medida em que, segundo o autor, um museu é dotado de aura simbólica, onde grupos sociais se reconhecem, nutrindo por ele um sentimento de pertencimento. O Eixo 3 tinha, também, a Museologia do Afeto¹¹ como alicerce das reflexões aqui propostas. Na medida em que se desenvolveu através da preocupação com as narrativas individuais, voltando-se para o social, o elemento mais importante neste cenário era a relação estabelecida entre o MN-UFRJ e a sociedade, compondo perspectivas associadas à memória institucional, às reações ao incêndio e à perpetuação do Museu na memória do povo.

Reconhecendo isso, suscitar a reflexão acerca da relação entre o Museu e seu entorno, em especial o Parque da Quinta da Boa Vista, o imaginário popular desenvolvido em torno da Instituição e as memórias da equipe, pesquisadores e públicos foram os objetivos deste Eixo temático. Vale destacar que a turma contou com depoimentos, exibidos em formato de vídeo, de colaboradores e públicos do MN-UFRJ, a fim de mostrar o afeto que permeia as relações entre a Instituição e o luto que tomou a população do Rio de Janeiro.

Por fim, o Eixo 4, Luta, tinha como missão apresentar o esforço cotidiano relacionado às ações desenvolvidas em torno do Museu Nacional, especialmente nas ativas resistências que ocorreram à época. O Eixo buscava apresentar aos visitantes o sentimento de pertencimento que transpareciam nestes movimentos, além de trazer uma reflexão sobre as ações de fomento governamental no campo cultural. Como destaque, foram apresentados os trabalhos de resgate de peças sobreviventes do MN-UFRJ após o incêndio, bem como as ações educativas ocorridas no Parque da Quinta da Boa Vista, onde se localiza a instituição, através do projeto “Museu Nacional Vive”.

Nesse sentido, esse Eixo atuava como uma importante ferramenta provocativa ao final da exposição, considerando que o contexto de resistência aos cortes de recursos e às deficiências estruturais e orçamentárias é constante no campo cultural. Partiu-se, então, da premissa que a tragédia ocorrida ao Museu Nacional seria uma “situação isolada” para apresentar aos visitantes a realidade da desvalorização cultural sistêmica presente no país. Para a apresentação efetiva do conteúdo almejado, o quarto Eixo temático atuou em duas frentes: inicialmente, mostrando a importância da educação patrimonial, dos acervos nacionais e de sua preservação, apontando as consequências do abandono estatal – não se restringindo apenas ao ocorrido ao Museu Nacional, mas apresentando situações semelhantes à outras instituições culturais –, e em seguida apresentando as resistências, em especial do campo museológico, frente aos desafios enfrentados. Esses foram, então, os Eixos temáticos norteadores da narrativa

11 De acordo com Mário Moutinho (2013), é permeada por memórias em “um sentido mais humano”. Nesse Eixo, o afeto apresenta-se nas narrativas individuais nas memórias dos frequentadores do museu.

que seria contada durante o percurso dos públicos no espaço.

Para o acervo da exposição, a turma contou com o empréstimo de objetos representativos¹² pertencentes a alunos, professores e colaboradores. Além disso, exemplares da Coleção didática dos projetos da Seção de Assistência ao Ensino (SAE), setor educativo do Museu, foram disponibilizados para a exposição curricular, o que trouxe um vínculo ainda maior entre a temática apresentada na UNIRIO e as atividades realizadas pelo Museu Nacional, o que incluiu animais taxidermizados que foram emprestados pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A UNIRIO teve também uma participação expressiva na exposição curricular, tendo o Laboratório de Zoologia (UNIRIO/IBIO), o Laboratório de Tafonomia e Paleoecologia Aplicadas (LABTAPHO/IBIO), o Departamento de Cenografia (UNIRIO) e a Decania da Instituição disponibilizado espécimes, objetos cenográficos e móveis para serem utilizados na exposição. Nesse sentido, destaca-se que os Eixos de história e de ciência foram os dois que mais utilizaram acervos, considerando que optaram pelo uso deles para enriquecer sua narrativa.

Figura 1: Parte dos acervos expostos no Eixo Ciência, obtidos através de empréstimos.



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras (2019).

Visando a imersão no espaço da exposição, os discentes de Museologia buscaram trazer elementos visuais que remetessem ao Museu Nacional e pudessem fazer aflorar sentimentos nos públicos, através de uma memória afetiva,

12 Os alunos buscaram constituir o acervo com objetos que pudessem representar algumas das coleções presentes no MN-UFRJ, visando despertar a memória dos públicos através da contextualização histórica e científica da Instituição. Nesse sentido, foram emprestadas coleções de insetos, exemplares botânicos e cartões postais. Ainda, livros sobre a história do Museu foram emprestados para reforçar a importância do MN-UFRJ na divulgação e produção científica.

Revisitando a exposição curricular “Museu Nacional: o museu que vive em nós” reflexões e considerações acerca da comunicação no âmbito expográfico e cibercultural

considerando que “a ‘experiência’, como vivência do observador, alimenta-se pela memória, pelos sentidos e todas as conexões temporais e contextuais que a envolvem” (UZEDA, 2016: 8). Assim, a turma optou por realizar uma réplica da porta de entrada do Museu Nacional, utilizando a plotagem em *voil*, tecido semitransparente, impresso com uma imagem da porta principal do prédio, uma referência arquitetônica marcante na memória dos muitos frequentadores da instituição. Dessa maneira, ao entrar na galeria da exposição curricular, os visitantes teriam a sensação de estar, novamente, entrando no saguão daquele Museu, que fez parte da vida de muitos deles.

Figura 2: Plotagem em *voil* representando a entrada do Museu Nacional.



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras (2019).

Figura 3: Imagem ampliada da porta do Museu Nacional.



Fonte: Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional. Disponível em: <https://saemuseu-nacional.wordpress.com/category/museu-de-curiosidades/>

Ainda, buscando uma estratégia comunicacional e o enriquecimento da narrativa, foram utilizadas cenografias como suporte expográfico, tendo em vista que elas consistem, como aponta o cenógrafo Elcio Rossini, em “um elemento narrativo, um auxiliar que permite situar espacial e temporalmente o tema abordado” (ROSSINI, 2012: 158). Na exposição “Museu Nacional: o museu que vive em nós”, a cenografia funcionou como um diferencial ao representar um armário nos moldes dos antigos gabinetes de curiosidades¹³ e simular um espaço dos jardins do parque da Quinta da Boa Vista. Assim, como apontam Katia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela Simão, “o uso dos recursos expográficos e a prévia definição das estratégias expositivas podem favorecer a comunicação desejada e desenvolver uma abordagem apropriada para produzir exposições vivas, informativas e estimulantes” (BORDINHÃO; VALENTE; SIMÃO, 2017: 43).

¹³ Dentro do armário, alguns objetos obtidos por meio de empréstimos feitos por departamentos de pesquisa foram utilizados, como, por exemplo, fósseis mineralizados de peixe, alga e tronco, minerais e conchas do Laboratório de Tafonomia e Paleoecologia Aplicadas - LABTAPHO/UNIRIO, e animais taxidermizados e conservados em frascos de vidro do Instituto de Biologia da UFRJ - Labs. de Ornitologia e Bioacústica e da coleção da SAE/Museu Nacional.

Figura 4: Cenografia de um armário aos moldes dos gabinetes de curiosidade. Figura 5: Cenografia da praça do parque da Quinta da Boa Vista.



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras (2019).



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras (2019).

O ponto chave da exposição, entretanto, foi a reprodução da emblemática instalação Panapaná – “Voo sincronizado das borboletas”. Utilizando folhas de cartolina, os estudantes produziram centenas de borboletas para a confecção da instalação, que ficou pendurada no Espaço Cultural e simbolizava a esperança e a resistência dos alunos, representando a ideia de que “o museu que vive”.

Não coincidentemente, a instalação ficou situada entre os Eixos Memória e Luta, apresentando ao público as duas sensações: a memória afetiva e o sentimento de luta pelo Museu. Nesse sentido, destaca-se que “o diálogo entre o público e o objeto ou instalação, apresentados através de um espaço cuidadosamente desenhado para tal, pode estabelecer um estado de tensão que funciona como articulação para que o visitante pudesse vivenciar o evento, emocional e criticamente”. Assim, “a forma de organização do conteúdo no espaço, bem como a encenação de cada espaço sequencial, demanda uma atenção especial para que esta tensão seja alcançada, gerando assim possibilidades de interatividade” (COHEN, 2015: 94).

Revisitando a exposição curricular “Museu Nacional: o museu que vive em nós” reflexões e considerações acerca da comunicação no âmbito expográfico e cibercultural

Figura 6: Reprodução da instalação Panapaná na exposição curricular.



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras (2019).

Figura 7: Imagem ampliada da instalação Panapaná no Museu Nacional.



Fonte: Museu Nacional
Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html>

Além disso, os discentes também buscaram maneiras de estabelecer interação com os visitantes no espaço expositivo. Como exemplo, destacava-se a reprodução cenográfica de uma das varandas do Museu Nacional, que dava vista para o parque da Quinta da Boa Vista.

Figura 8: Espaço criado para reproduzir uma das varandas do Museu Nacional



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras (2019).

A utilização de imagens foi abundante, sendo utilizadas por todos os Eixos temáticos. Para as mídias digitais, entretanto, a turma utilizou apenas dois vídeos no percurso da exposição, inseridos em pontos estratégicos para que ficassem incorporados à cenografia. A escolha por priorizar as imagens reforça o anseio por uma narrativa fluida e dinâmica, levando em consideração que, como aponta Maria Júlia Chelini (2012), deve-se questionar durante a montagem de

uma exposição se as mídias digitais irão, de fato, acrescentar algo a ela e que tipo de interação e experiência pode gerar.

Os objetos ao precisarem dividir espaço com recursos digitais dinâmicos e interativos não poderiam estar sendo colocados mais distantes do público? Diante de uma sensibilidade habituada ao dinamismo tecnológico, os objetos parecem mesmo necessitar de algo mais do que simples etiquetas. Mas como conjugar mundo material e universo virtual mantendo um ponto de equilíbrio dentro dos espaços expositivos? (UZEDA, 2016: 9).

Assim, mesmo com as diversas opções possibilitadas graças à inovação tecnológica, é necessário que seja analisado até que ponto as mídias digitais serão benéficas para a narrativa que se pretende apresentar aos públicos.

Reacessando as mídias sociais da exposição curricular

A presença das tecnologias digitais nos museus é um processo que deve ser encarado como um instrumento complementar no desenvolvimento de articulações com os públicos. Para isso, faz-se necessário refletir sobre a forma pela qual os museus articulam dinâmicas com seus visitantes no ambiente digital. A experiência museal transformou-se ao longo do tempo e diante de sua manifestação nas mídias sociais ela assume perspectivas que merecem ser consideradas, avaliadas e discutidas nos cursos de graduação e pós-graduação em Museologia.

A centralidade dos públicos em sua relação com o museu começou a ser engendrada a partir das décadas de 1960 e 1970 e, desde então, as instituições museais são desafiadas a se constituírem em espaços de coparticipação, cocriação e integração com o cotidiano da sociedade. Em consequência disso, tais debates se estendem nos cursos de graduação e pós-graduação em Museologia, acentuando-se diante das dinâmicas e manifestações socioculturais contemporâneas. A museóloga Lorena Querol salienta que

[...] ouvimos falar em participação por tudo e por nada e são poucas as vezes em que a ação que acompanha o discurso resulta verdadeiramente efetiva, verdadeiramente plural, verdadeiramente capaz de responder à diversidade de mundos que formam as sociedades atuais (QUEROL, 2016: 84).

A partir da Teoria Participativa da Democracia¹⁴ da filósofa britânica Carole Pateman, Lorena Querol (2016) estabelece três formas de participação: a pseudoparticipação, cujo propósito é agir no sentido motivacional e psíquico da pessoa; a participação parcial, que ocorre quando duas ou mais partes se influenciam na tomada de decisão, cabendo a apenas uma delas o poder de decisão final; e a participação plena, em que todas as partes envolvidas no processo tem o mesmo poder de decisão final (QUEROL, 2016: 86).

Observa-se que o sentimento de liberdade do indivíduo está diretamente relacionado ao grau de sua participação na tomada de decisão, na medida em que “tal participação lhe confere um grau real de controle sobre o curso da sua vida, mas também sobre os processos coletivos em construção, no âmbito da sociedade da qual faz parte” (QUEROL, 2016: 86). Nas mídias sociais a partici-

¹⁴ A Teoria Participativa da Democracia inspira-se nas formas de democratização da década de 1970, fundamentada em Rousseau, Stuart Mill e Howard Cole.

Revisitando a exposição curricular “Museu Nacional: o museu que vive em nós” reflexões e considerações acerca da comunicação no âmbito expográfico e cibercultural

pação, por vezes, é limitada e controlada pelo emissor da mensagem, caracterizando-se pela pseudoparticipação e/ou, ocasionalmente, a participação parcial. Para alcançar a participação plena, Julia Moraes (2021) afirma que é necessário a flexibilização das ações e das relações dos museus, do reconhecimento e legitimação dos valores individuais e coletivos dos sujeitos. No contexto da cibercultura, tal participação torna-se ainda mais desafiadora diante das tecnologias digitais em rede. Esse desafio recai, também, sobre os estudantes de Museologia que encontram nas exposições curriculares o espaço para pôr em prática as teorias discutidas em sala de aula.

Para além de espaços de comunicação, as mídias sociais são ambientes de convivência, espaços de sociabilização que, de acordo com Daniel Miller *et al* (2019), tangenciam a esfera do público e do privado. Para os autores, as mídias sociais devem ser notadas pela sua perspectiva relacional, na medida em que, contemporaneamente, os indivíduos fazem uso de um conjunto de possibilidades ao selecionar quais plataformas ou mídias serão aplicadas a seus tipos específicos de interação social. Percebe-se que as dinâmicas comportamentais do indivíduo no ciberespaço¹⁵ refletem-se diretamente em seu cotidiano, no ambiente geolocalizado, e vice-versa. Reconhecendo isso, “vemos as mídias sociais como parte da vida cotidiana, pois ocupam o mesmo lugar de nossas conversas telefônicas diárias e não se apresentam como algo em separado” (MILLER *et al*, 2019: 10).

Vale destacar que a integração de textos, imagens, sons e vídeos pode ser observada em múltiplas plataformas de redes sociais. O *Instagram*, por exemplo, destaca-se pelos recursos: *reels*, *stories*, *IGTV*, *lives* e filtros. Daniel Miller *et al* (2019) enfatizam que a foto se tornou parte inerente ao nosso cotidiano, uma vez que nossa relação com as imagens visuais atingiu um nível de ubiquidade que é, historicamente, sem precedentes.

Somado a isso, a possibilidade de editar, aplicar filtros e textos em vídeos e fotos e responder tais interações também com vídeos e fotos caracteriza uma significativa transformação na comunicação humana. “Atualmente, muitos de seus usuários estão mais acostumados a retrabalhar imagens, usando filtros no *Instagram*, adicionando sobreposições de texto, e compartilhando, redistribuindo e reconstruindo imagens que se tornam memes” (MILLER *et al*, 2019: 174), caracterizando a linguagem do nosso tempo: a hipermídia¹⁶.

Para Oliveira (2020), a visualidade do *Instagram* situa-se como um desafio para as instituições. Ponderar que grande parte das fotos é gerada para as mídias sociais, tornando-se parte inerente ao nosso cotidiano, o que se pode esperar, verificar e analisar com relação ao uso das mídias sociais nas exposições curriculares? Considerando que as mídias sociais são dispostas a partir da lógica neoliberal, as exposições curriculares as utilizam como um meio para pôr em prática os debates e princípios da Museologia contemporânea?

15 De acordo com Lucia Santaella (2021), ciberespaço é o local que as redes fizeram nascer, espaço informacional, virtual, global, pluridimensional, sustentado e acessado por computadores. Trata-se de um espaço que não apenas traz, a qualquer indivíduo situado em um terminal de computador, fluxos ininterruptos e potencialmente infinitos de informação, mas também lhe permite comunicar-se com qualquer outro indivíduo, em qualquer outro ponto da esfera terrestre.

16 Para Lucia Santaella (2021), é a associação de dados, textos, imagens fixas e animadas, vídeo, sons e ruídos, ou seja, é a linguagem constitutiva das redes, manipulada pelos usuários, cujos traços encontram-se na mistura de linguagens, códigos e mídias.

Em teoria, o uso do ciberespaço como território de expansão dos museus possibilitaria a lógica de interação todos-todos¹⁷, conceito desenvolvido pelo filósofo e sociólogo francês Pierre Lévy (2010), em que o papel emissor e receptor da mensagem se mistura, ou seja, “o museu deixa de ser o único emissor de mensagens e se torna mais um ponto na rede de produção de enunciados e significações.” (MORAES, 2019: 13). Ainda segundo Julia Moraes (2021), o potencial das mídias sociais – destes serviços como meios para promoção de interlocução entre públicos e museus – contribui para o protagonismo dos públicos e para a realização de iniciativas colaborativas e cocriativas, desafiando os museus a flexibilizar a sua autoridade narrativa.

Entretanto, em pesquisa realizada pelo historiador e comunicador social Emerson Oliveira (2020) no *Instagram* de 54 instituições museológicas, entre março de 2017 e março de 2020, observou-se que, de maneira geral, a presentificação digital dos museus centra-se apenas na divulgação e não como um possível ambiente de interação e troca com os públicos, estruturando uma dinâmica unidirecional, que parte de um emissor para um conjunto de receptores, e/ou integrada, em que o canal comunicacional se estabelece de forma isolada apenas entre o emissor e o receptor. O autor destaca que as instituições internacionais ultrapassaram esse paradigma, na medida em que fazem uso das redes sociais *online* como espaço de troca e de interação com os públicos. Todavia,

[...] por mais ativa e atualizada que uma instituição museológica possa estar, a maioria seleciona enfoques semelhantes para partilhar e comunicar seus “objetos” derradeiros: a obra de arte, a exposição e o público. Este último, cada vez mais, compreendido e tratado como capital social da instituição (OLIVEIRA, 2020: 106).

Nos processos que envolvem o desenvolvimento de uma exposição curricular na UNIRIO, um dos grupos de trabalho forma a equipe de divulgação, a qual é responsável pelas mídias sociais, geralmente *Facebook*, *Instagram* e *Blog*, cartazes, *banners* e e-mail. O objetivo do grupo de divulgação da exposição “Museu Nacional: o Museu que Vive em Nós” (2019.1) era publicar informações e atividades que seriam desenvolvidas durante a exposição e produzir conteúdo original por meio de textos. O *Facebook* foi a mídia social mais utilizada de maior alcance para a divulgação da exposição curricular, sendo utilizado no compartilhamento do conteúdo do blog, bem como de reportagens e projetos do Museu Nacional. Observa-se que as mídias sociais foram operadas como veículo de divulgação e nada além disso, o que corrobora a afirmação de Oliveira (2020) acerca da relação unidirecional, em que a comunicação partiu dos discentes da exposição para os públicos, sem qualquer intenção e/ou possibilidade de interação e diálogo. Tal dinâmica caracteriza-se também pela pseudoparticipação.

¹⁷ Também chamada de comunicação em rede, cuja emissão e recepção ocorre horizontalmente, em que há a troca de papéis dos sujeitos, ou seja, todos são receptores e emissores da informação.

Revisitando a exposição curricular “Museu Nacional: o museu que vive em nós” reflexões e considerações acerca da comunicação no âmbito expográfico e cibercultural

Figura 9: Publicação no Facebook da exposição curricular



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras (2022).

Figura 10: Publicação no Instagram da exposição curricular



Fonte: Imagem elaborada pelas autoras (2022).

Outro aspecto evidenciado por Oliveira (2020) é a “performance dos bastidores”, em que as instituições museológicas publicam fotos e vídeos de montagem e desmontagem de exposições, juntamente com os recursos de sociabilidade oferecidos no *Instagram* (enquetes, perguntas, votações). Dessa forma, o autor afirma que a exposição é inaugurada antes mesmo de sua abertura oficial nas redes sociais *online*, as quais impulsionam a exposição divulgando suas atividades cotidianas. Esse recurso foi utilizado pelos discentes durante a montagem da exposição curricular como forma de despertar o interesse dos públicos em visitá-la no Espaço Cultural do CCH, uma vez que “se o intuito primário é excitar o público a visitar uma exposição, o efeito derradeiro é a ampliação da exposição como dispositivo comunicacional para além da arquitetura, do catálogo, das impressões e dos registros dos visitantes etc.” (OLIVEIRA, 2020: 115). A transmissividade comunicacional linear ainda é realidade em muitas instituições museais e em suas redes sociais *online*, ou seja, mesmo que as redes sociais possuam uma série de potencialidades comunicacionais, seus usos são massivos e de distribuição unidirecional de informação.

Diante das potencialidades comunicacionais da cibercultura, fazer uso das tecnologias digitais em rede nos museus torna-se um desafio, na medida em que a participação e interação não são automáticas a partir do momento que se cria um perfil institucional. Apesar de a internet viabilizar o acesso aos dispositivos comunicacionais do museu, tornando-o mais abrangente e plural, conforme a historiadora e museóloga Maria Isabel Roque (2020) afirma, faz-se necessário analisar se tal alcance é de fato realizado.

O desenvolvimento da exposição curricular é um dos momentos de maior integração entre os discentes, momento em que são criados espaços de discussão, vínculos, reflexão e diálogo frente às inúmeras possibilidades temáticas. A percepção de cada aluno perante suas próprias realidades e cotidianos são cruciais ao longo do desdobramento do processo, que contribui para o

crescimento pessoal e profissional dos discentes, enquanto museólogos em formação. Na medida em que os museus acompanham as transformações sociais, os desafios contemporâneos lançados pela cibercultura se apresentam de maneira imperativa na formação dos profissionais em Museologia.

Reflexão crítica

Ao analisar a expografia da exposição “Museu Nacional: o museu que vive em nós”, percebe-se a importância da utilização de suportes expográficos, como a cenografia e as instalações artísticas para o enriquecimento da experiência dos públicos no espaço. Conforme dados apresentados no estudo de público aplicado pelos discentes, percebeu-se um alto índice de satisfação dos visitantes quanto à parte visual da exposição, principalmente por suscitar a memória afetiva e um certo sentimento saudosista através de suas ambientações e instalações.

Ainda, ficou evidente para a turma que os visitantes se interessaram principalmente pelas partes interativas da exposição. Essa crescente demanda social por interatividade, derivadas dos constantes estímulos em que a sociedade contemporânea está inserida, vem sendo observada e estudada pelo campo museológico nos últimos anos. Segundo o educador Gustavo Ferreira (2014), é cada vez mais perceptível que a busca e o interesse da população por esse estímulo em ambientes culturais vêm impulsionando a ampliação da utilização de recursos dentro dos espaços expositivos, visto que “a brevidade das experiências são marcas do nosso tempo” (FERREIRA, 2014:107).

Nesse sentido, no contexto da exposição curricular, é importante ressaltar que essa demanda social poderia ter sido melhor atendida. No caso do espaço da varanda do Museu Nacional (figura 8), que possibilitava aos visitantes tirar fotos como se estivessem dentro do prédio da instituição, poderia ser proposto o uso de *hashtags*, a fim de promover a pseudoparticipação e, ao mesmo tempo, divulgar a exposição. Essa iniciativa foi utilizada pelo Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) em 2019, com a exposição “*Hashtag da Arte*”.

No que tange às mídias sociais, observa-se que seu uso foi exclusivamente para a divulgação das atividades da exposição e dos textos produzidos pelos discentes para o *blog*. De acordo com o estudo de público da exposição, as redes sociais *online* foram o segundo meio comunicacional que mais tornou a exposição conhecida dos públicos, ficando atrás apenas do contato entre familiares e amigos dos discentes. Além disso, a divulgação da mostra pelas plataformas *online* do MN-UFRJ (figura 11) do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM (figura 12) também ajudou a propagar a exposição curricular.

Revisitando a exposição curricular “Museu Nacional: o museu que vive em nós” reflexões e considerações acerca da comunicação no âmbito expográfico e cibercultural

Figura 11: Divulgação da exposição no Instagram do MN.



Fonte: Relatório final da exposição curricular.

Figura 12: Divulgação da exposição no Twitter do IBRAM.



Fonte: Relatório final da exposição curricular.

Cabe enfatizar que a turma responsável pela exposição poderia ter explorado mais o potencial comunicacional da cibercultura, promovendo o compartilhamento de ideias, memórias, diálogos com os usuários das redes sociais *online*, descentralizando sua posição de emissor ao fomentar a horizontalidade entre os comunicantes. Os recursos das plataformas em rede poderiam ter sido melhor aproveitados, na medida em que oportunizam a participação ati-

va, a colaboração e a cocriação das mensagens. São os usos que fazemos das interfaces *online* que determinam o grau de participação entre os usuários. Os comentários das publicações dessas ambiências digitais, por exemplo, podem potencializar o reconhecimento e a ressignificação dos diálogos e dos cotidianos dos usuários que, segundo Frieda Marti (2021) são iniciativas essenciais para o desenvolvimento de mediações no ciberespaço.

Considerações finais

Com o cenário sociotécnico contemporâneo, observa-se a necessidade de que a formação de profissionais para Museologia desenvolva competências nessa área nos futuros museólogos, o que, conseqüentemente, repercutirá na gestão de perfis institucionais e em exposições divulgadas nas redes sociais *online*. O crescente uso das tecnologias, digitais e em rede, já é realidade e, os museus precisam acompanhar as demandas requeridas pelos públicos, seja se aventurando em realidades virtuais, seja articulando sua presença nas mídias sociais.

Do mesmo modo, as exposições também precisam adaptar-se às novas perspectivas de interesse apresentadas pelos públicos. Com o desenvolvimento tecnológico e a eclosão dos museus espetáculos, uma tipologia de museu que visa atender as demandas sociais por estímulos em espaços culturais, torna-se cada vez mais corriqueiro a busca por exposições que apresentam recursos inovadores, como pode ser visto em mostras imersivas por meio de projeções. Faz-se, então, essencial uma atualização comunicacional das instituições culturais aos fenômenos da cibercultura e suas novas linguagens.

Diante das reflexões apresentadas, consideramos que as exposições curriculares dos cursos de Museologia são fundamentais para o desenvolvimento profissional, e também pessoal, dos alunos da graduação, especialmente considerando os possíveis empecilhos vividos pelos discentes durante o período acadêmico cursado, dificultando a oportunidade de realizar atividades extracurriculares no campo da expografia em instituições museais, o que possibilitaria experiências mais profundas para os museólogos.

No caso da exposição curricular do primeiro semestre de 2019 “Museu Nacional: o museu que vive em nós”, os alunos tiveram a oportunidade de experimentar múltiplas situações durante sua produção e o tempo em que a exposição esteve aberta à visitação, enfrentando desafios e imprevistos relacionados a materiais, infraestrutura e paralisações. Porém, foi uma experiência enriquecedora, tanto prática, quanto metodológica, possibilitando que alguns alunos tivessem sua primeira experiência em montagem de exposições.

Destaca-se, ainda, que o tema foi de grande valor para a turma, pela importância do Museu representado e diante da tragédia por ele enfrentada, mas acima de tudo pelo caráter emocional, visto que muitos participantes tiveram o Museu Nacional como sua primeira experiência museal. Assim, mesmo com os apontamentos críticos aqui realizados, considera-se que a exposição cumpriu sua proposta, levando em conta os resultados obtidos através dos estudos de públicos aplicados, que apontaram uma grande satisfação por parte dos visitantes. Percebeu-se que a exposição alcançou seu objetivo em levar os visitantes a reviver de forma afetiva, mais uma vez, os encantos e as memórias científicas e históricas do Museu Nacional.

Referências

BORDINHÃO, Katia; VALENTE, Lúcia; SIMÃO, Maristela. *Caminhos da Memória: para fazer uma exposição*. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM: 2017. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Caminhos-da-Mem%C3%B3ria-Para-fazer-uma-exposi%C3%A7%C3%A3o1.pdf>. Acesso em: ago. de 2022.

CHELINI, Maria Júlia Estefânia. Novas tecnologias para... Novas (?) expografias. In: *Museologia & Interdisciplinaridade*. Vol. 1, nº2. jul/dez 2012.

COHEN, Miriam Aby. *O Desenho da Cena como experiência: intersecções na prática artística contemporânea entre Cenografia – Instalação – Expografia*. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes, Área de Concentração: Artes Cênicas, Linha de Pesquisa: Teoria e Prática do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes/ Universidade de São Paulo. 2015.

DESVALLÉES, Andrés; MAIRESSE, François. *Conceitos-Chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM/Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

FERREIRA, Gustavo Lopes. *A interatividade nos museus de ciência: o processo de criação de um artefato museal*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia/Programa de Pós-graduação em Educação. Uberlândia/MG. 2014.

LEMOS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre (Org). *O futuro da internet: em direção a uma democracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LESHCHENKO, Anna. Digital Dimensions of the Museum: defining Cybermuseology's Subject of Study. In: MAIRESSE, François; DAVIS, Ann. (Org.). *ICOFOM Study Series 43*. Paris: ICOFOM (ICOM/UNESCO), 2015, v. 1, p. 237-241.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3a Ed– São Paulo: Editora 34, 2010.

MAGALDI, Monique Batista. *Navegando no Museu Virtual: um olhar sobre formas criativas de manifestação do fenômeno Museu*. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010.

MAGALDI, Monique Baptista; BRULON, Bruno; SANCHES, Marcela. Cibermuseologia: as diferentes definições de museus eletrônicos e a sua relação com o virtual. In: MAGALDI, Monique B.; BRITO, Clóvis Carvalho (Org.). *Museus & Museologia: desafios de um campo interdisciplinar*. Brasília: FCI- UnB, 2018. p. 135-155.

MARTI, Frieda. *A educação museal online: uma ciberpesquisa-formação na/com a seção de assistência ao ensino (SAE) do Museu Nacional-UFRJ*. Tese (Doutorado em Educação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

MILLER, Daniel; COSTA, Elisabetta; HAYNES, Nell; MCDONALD, Tom; NICOLESCU; Razvan; SINANAN, Jolynna; SPYER, Juliano; VENKATRAMAN, Shriram; WANG, Xinyuan. *Como as mídias sociais mudaram o mundo*. University College London, UCL Press, 2019.

MORAES, Julia. Museus e Público(s): a centralidade da relação público(s)–museu nos debates contemporâneos da Museologia. *Anais do XX Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-graduação em Ciência da Informação*, SC: ANCIB e UFSC, 2019, v. GT-9.

MORAES, Julia. Horizontes e Itinerários da participação dos públicos nos Museus. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 168–190, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/39053>. Acesso em: jun. de 2022.

MORAES, Julia. Exposição curricular em tempos de pandemia e ensino remoto: a comunicação museológica frente aos desafios e potencialidades da cultura digital no ensino em Museologia. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 10, n. Especial, p. 295–316, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/36356>. Acesso em: jun. 2022.

MUSEOLOGIA DO AFETO - MINOM, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6PZIO0KtM> > Acesso em 18 de março de 2019.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: *Projeto História*. São Paulo. V.10. 1993.

OLIVEIRA, Emerson Dionísio Gomes. O museu no Instagram: arte, exposição e a visibilidade de práticas museológicas. *Revista Museologia e Interdisciplinaridade*. V. 9. N. Especial, 2020.

QUEROL, Lorena Sancho. PARTeCIPAR: ensaio formal sobre o conceito, as práticas e os desafios de participação cultural em museus. *Etnicex: revista de estudos etnográficos*, n. 8, p. 83-100, 2016.

ROQUE, Maria Isabel. Museus na web: Outra forma de ver nestes dias tão estranhos. In: *A.Muse.Arte*, 2020. Disponível em: <https://amusearte.hypotheses.org/6215> Acesso em: jun. de 2022.

ROSSINI, Elcio. Cenografia no teatro e nos espaços expositivos: uma abordagem além da representação. In: *TransInformação*. Campinas. p. 157-164. set./dez., 2012.

SANTAELLA, Lucia. *Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet*, São Paulo: Paulus, 2021.

SANTOS, Edmea; MARTI, Frieda; SANTOS, Rosemary dos. O museu como espaço multirreferencial de aprendizagem: rastros de aprendizagens ubíquas na cibercultura. *Revista Observatório*, v.5, n.1, Palmas, 2019.

Revisitando a exposição curricular “Museu Nacional: o museu que vive em nós”

reflexões e considerações acerca da comunicação no âmbito expográfico e cibercultural

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Relatório final da exposição curricular “Museu Nacional: o Museu que Vive em Nós”. Rio de Janeiro, 2019.

UZEDA, Helena Cunha de. As novas tecnologias nas exposições museológicas: objetos reais e a concorrência digital. In: *XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* (XVII ENANCIB). GT 09 - Museu, Patrimônio e Informação. 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/viewFile/4008/2259>. Acesso em: ago. de 2022.

UZEDA, Helena Cunha de. O espaço nas exposições museológicas: atualizando percepções significações. In: *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação de Museologia e Patrimônio PPG-PMUS*. Vol. 11, n° 1. 2018. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/685/629>. Acesso em: ago. de 2022.

Recebido em setembro de 2022.

Aprovado em janeiro de 2023.